

As relações internacionais e o marxismo: potencialidades de um diálogo marginalizado

CARLOS RENATO UNGARETTI

Resenha: PRESTES, Ana; PAUTASSO, Diego (orgs.).
Teoria das relações internacionais: contribuições marxistas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.

Em meio às reorganizações e disputas que caracterizam o sistema internacional contemporâneo, bem como as lacunas presente no debate acadêmico nacional, é oportuna a publicação da obra *Teoria das Relações Internacionais: contribuições marxistas*, organizado por Ana Prestes e Diego Pautasso. Publicado pela editora Contraponto, o livro conta uma coletânea de reflexões a respeito do potencial de diálogo, por muito tempo limitado e marginalizado, entre a teoria marxista e as Relações Internacionais (RI).

Luis Fernandes, logo no prefácio, destaca a ambição em “abrir esses canais de diálogo para dentro e para fora da disciplina”, possibilitando a exploração de dimensões em que o pensamento marxista oferece “chaves teóricas críticas [...] para compreender a formação do sistema internacional moderno e o seu desenvolvimento contemporâneo” (PRESTES, PAUTASSO, 2021, p. 12). Resgatando apontamentos presentes no *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 1998), publicado originalmente em 1848, Fernandes, no primeiro capítulo, busca fornecer “indicações absolutamente cruciais para se compreender o sistema internacional moderno” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 12). Para ele, a chave teórica mais rica e fundamental oferecida por Marx se assenta na compreensão da “articulação contraditória de processos

CARLOS RENATO UNGARETTI

Mestrando em Estudos Estratégicos Internacionais no Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEEI-UFRGS). E-mail: renato.ungaretti94@gmail.com

transnacionais e internacionais na constituição capitalista do mundo moderno” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 17).

Na sequência, Gianni Fresu identifica as categorias do materialismo histórico em *Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2007). Para ele, encontramos, nessa obra, “uma tentativa de lidar com a história em termos de uma nova ciência materialista” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 44). Essa nova ciência materialista, sugere Fresu, revela a impossibilidade de enquadrar Marx e suas contribuições em um campo disciplinar preciso, o que também reforça as múltiplas possibilidades das contribuições marxistas para as RI.

Explorando uma entre várias dessas possibilidades, Rita Coitinho se propõe a “analisar as bases e implicações da categoria imperialismo e evidenciar [...] a dialética centro-periferia ou, em outras palavras, a disputa por hegemonia” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 48). O seu mérito é, ao clarificar os conceitos de imperialismo e hegemonia, problematizar a ideia de globalização neoliberal e a compreensão do sistema interestatal como a soma de entidades autônomas e iguais.

Seguindo nos debates sobre imperialismo, Diego Pautasso resgata os aportes de Domenico Losurdo para compreensão do “entrelaçamento da reprodução global da riqueza e do poder, o desenvolvimento desigual e combinado do mercado mundial, as reconfigurações na divisão internacional do trabalho e as assimetrias e contradições interestatais” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 80). Ao explorar as nuances do conceito de imperialismo, Pautasso analisa as simbióticas relações entre globalização neoliberal e mecanismos intervencionistas dos EUA, ao passo que enfatizando centralidade da questão nacional para os países periféricos resistem ao imperialismo.

Ana Prestes analisa outra possibilidade de contribuição marxista para as RI, agregando os escritos de Gramsci e Arrighi a respeito do conceito de hegemonia e sua utilização no plano internacional. Para ela, Arrighi consegue identificar como se deu a constituição das hegemonias mundiais nos quatro ciclos de acumulação, tendo como base as concepções de Gramsci. Prestes detalha cada um desses ciclos e as suas dinâmicas, salientando a trajetória do ciclo estadunidense, atualmente caracterizado pela “dominação sem hegemonia” e pela ascensão da China. Sabiamente, comenta Prestes, “Arrighi não viu o século chinês, mas nos deixou pistas muito importantes para decifrá-los” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 124).

Por sua vez, Jaime César Coelho e Miguel Borba de Sá versam sobre as organizações internacionais. A partir da obra de Robert Cox, o objetivo é realizar duas contribuições, sendo uma delas compreender “o papel das instituições multilaterais na dialética entre manutenção e transformação da ordem mundial capitalista contemporânea” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 128). Sob uma perspectiva política, é apontado que a relevância da abordagem coxiana associa-se “às táticas e estratégias das forças sociais contra-hegemônicas [...] capazes de enfrentar a ordem mundial capitalista da maneira como está configurada desde o advento do hiperliberalismo nos anos 1980” (PRESTES; PAUTASSO, p. 153).

Lyra Júnior, no sétimo capítulo, disserta sobre o tema da questão indígena. Ao rejeitar a compartimentalização da temática, é reiterada a articulação da questão indígena com as dinâmicas históricas, políticas, econômicas e sociais, tendo por base a obra do marxista peruano José Carlos Mariátegui. Partindo de uma visão estrutural na qual o capitalismo peruano se insere de forma subordinada na divisão internacional do trabalho, Lyra Júnior demonstra como a obra de Mariátegui permite debater a questão indígena de forma despida “das ideias defendidas por liberais de soluções baseadas somente na ordem cultural, educacional e identitária” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 180).

Ainda no contexto latino-americano, Tiago Nogara aborda o que se convencionou chamar de “subimperialismo brasileiro”, problematizando as teses dependentistas, sobretudo as associadas com a obra de Ruy Mauro Marini e os pressupostos da Teoria Marxista da Dependência (TMD). Para Nogara, o conceito de subimperialismo, utilizado para classificar as ações da política externa brasileira nos anos 2000, reforça “uma visão sistêmica abstraída das condições materiais que constituem a atual ordem internacional” e reafirma “estruturas que discursivamente alegam antagonizar” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 186). Ao confundirem assimetrias e dominação, são os dependentistas que negariam “aos países periféricos a capacidade de, alheios às revoluções sociais, formularem estratégias nacionais para superação do subdesenvolvimento” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 186).

Mariana Davi Ferreira e Tatiana Berringer também tratam do contexto de formações sociais dependentes, incorporando em sua análise a teoria marxista do Estado, baseada em Nicos Poulantzas. Desta forma, as autoras contribuem para construir “uma proposta de análise para políticas externas e processos de integração regional [...] considerando as determinações do bloco no poder, ou seja, da relação das classes e frações de classes com o Estado” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 234).

Leonardo Ramos, Marina Scotelaro e Rodrigo Corrêa Teixeira incorporam as reflexões de David Harvey, cuja obra apresenta um “potencial ímpar de contribuição” para as RI. Para os autores, isso se deve a sua teoria espacial do capitalismo, ajudando “não apenas no robustecimento das abordagens críticas de Economia Política Internacional (EPI) e as RI - ou [...] da separação entre a lógica territorial e a lógica do capital” (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 254).

Elias Jabbour, Alexis Dantas, Carlos Espíndola e Júlio Vellozo fecham a obra com “Novos aportes teóricos à Nova Economia do Projeto”. Ao identificar a insuficiência dos debates entre ortodoxos e heterodoxos, argumentam, resgatando Ignácio Rangel, que o “socialismo de mercado” chinês alcançou um “estágio superior”, caracterizado por eles como Nova Economia do Projeto. Nesse estágio, a China adentra em uma dinâmica de acumulação:

[...] onde a superação de restrições dos mais variados tipos e da incorporação à economia real de novos aportes tecnológicos [...] [possibilita] elevar o grau de racionalidade sobre o processo produtivo e consequentemente transformar a economia chinesa em uma verdadeira máquina de construção de grandes bens públicos e, mesmo, de valores de uso (PRESTES; PAUTASSO, 2021, p. 260).

É possível afirmar com segurança que o conjunto de reflexões da obra cumpre com êxito a sua aspiração, preenchendo uma lacuna importante na literatura e lançando luz sobre uma ampla gama de temáticas e reflexões teórico-conceituais que têm como base o marxismo e seus pensadores clássicos e contemporâneos.

De um lado, o livro permeia temáticas e debates sobre integração regional, instituições multilaterais, hegemonia, dependência, imperialismo, desenvolvimento e subdesenvolvimento, relações centro-periferia, questão nacional e questão indígena, ascensão da China, globalização, neoliberalismo etc. Por outro, incorporam ao debate acadêmico de RI no país variadas contribuições, umas mais outras menos conhecidas, como Lênin, Gramsci, Arrighi, Losurdo, Cox, Poulantzas, Mariátegui, Harvey, entre outras. Reafirma-se, por fim, que a obra constitui uma fonte singular para extrair as “chaves-teóricas” fundamentais para compreender as perspectivas e os dilemas de nosso tempo, marcado por complexas reorganizações políticas, econômicas, sociais e tecnológicas que condicionam o remodelamento do sistema mundial nas próximas décadas.

Referências

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.

_____. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

PRESTES, Ana; PAUTASSO, Diego (org.). **Teoria das relações internacionais**: contribuições marxistas. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021.